DONA LEOPOLDINA, CONSORTE E INSPIRADORA DO LIBERTADOR

Glyce Salles Alcântara

As ninfas do Danúbio e do Reno de certo profetizaram que no Castelo de Schoenbrunn nasceria uma princesa com um raro destino.

E nos arredores da doce Viena, no dia 22 de janeiro de 1797, na corte magnificente e mais luxuosa da época, nascia a arquiduqueza D Maria Leopoldina Josepha Carolina, filha do Imperador Francisco I, bisneta da grande Imperatriz d'Austria, Maria Tereza.

Cresceu a princesa dos cabelos de ouro, de olhos azuis e tristes, fisionomia meiga, testa alta, dotada de grande inteligência. Apesar da agitação por que passavam a Áustria e demais países da Europa, Maria Leopoldina recebeu uma educação esmerada. Com o perfeito domínio do francês, inglês, alemão e italiano, amante das Belas Artes, profundamente interessada pelas Ciências Naturais, tinha que se voltar para as coisas da natureza.

Corria o ano de 1816 quando a esplendorosa embaixada do Marquês de Marialva, a mandado de D. João VI, chegava à Corte de Viena para negociar o enlace matrimonial da Arquiduqueza Leopoldina com D. Pedro de Alcântara, príncipe herdeiro da Casa de Bragança.

Em 13 de maio de 1817, na Capela do Palácio Imperial de Viena, às 19 horas, uniam-se as Casas de Habsburgo e Bragança, nas pessoas de seus dignos príncipes: D. Maria Leopoldina e D. Pedro, sendo este representado pelo Arquiduque Carlos.

Afeiçoada à Mineralogia e a Botânica, decidiu a Arquiduqueza trazer para o Brasil algumas mudas de plantas européias e algumas coleções mineralógicas. "A América fascinava-a com a soberba floresta brasileira e a fauna exuberante desta região."

Durou três meses a longa travessia em que ela, escondendo a tristeza de deixar os seus, afagava a alegria do encontro com o

noivo querido e a nova pátria. A 5 de novembro desembarcou no Rio de Janeiro, recebendo em alvoroço a manifestação carinhosa do povo a quem iria amar e de quem iria mais tarde receber toda a gratidão.

A Corte de Bragança era em tudo inferior à Corte de Viena, mas D. Leopoldina era a "expressão da mais perfeita bondade e doçura; tão reconhecidamente culta e instruída, quanto bondosa e simples". Amava o esplendor da nossa bela natureza e aqui continuou dedicando-se aos estudos científicos, aos esportes, à caça, e aos passeios pelos campos, montanhas e florestas.

O Brasil só benefícios obteve com a chegada de D. Leopoldina, que "a todos cativava com a sua graça e maneira de princesa de alta linhagem."

Sob sua influência foram introduzidos no Rio de Janeiro alguns costumes europeus. Deve-se à sua iniciativa a criação de um pequeno museu de história natural. Na Ilha do Governador criou-se também, para o prazer da Imperatriz, um parque zoológico. A célebre Roda dos Expostos da Misericórdia foi também um dos seus benefícios; era uma instituição que prestou relevantes serviços à caridade pública.

A grande missão naturalista de 1817, encarregada do estudo da nossa flora, fauna, estrutura do solo e riquezas nacionais, é ainda um extraordinário serviço que prestou ao Brasil D. Leopoldina.

O amor que essa divina criatura devotou ao marido repartiu-o com o país de que se tornou defensora, lutando pelos interesses brasileiros quando a pátria vivia momentos de grande agitação política e se desencadeava o movimento libertador.

Dona Leopoldina nunca interveio nos negócios políticos, porque era naturalmente modesta, mas sua influência na história nacional mede-se pelas suas próprias virtudes, sua pureza e doçura, a cultura do seu espírito.

Frases como estas saíram dos lábios amorosos da princesa: "Ele está mais bem disposto para os brasileiros dos que eu esperava" "O Príncipe está decidido, mas não tanto quanto eu o desejo". "Muito me tem custado alcançar tudo isto, e só desejaria insuflar uma decisão mais firme."

Falando a José Bonifácio, pedindo-lhe que aceitasse o convite de D. Pedro, assim se expressou: "Meu marido é muito moço. Precisa de um piloto hábil ao leme do barco. Guiado por V. Exa., caminhará com firmeza e com êxito. Não lhe negue esse favor. Nem a ele, nem ao Brasil. E' preciso formar a pátria brasileira".

Sua participação de amor é visível, seu carinho desdobra-se em cuidados. Sua afinidade com o Brasil resultava naquele pra-

zer em doar-se, e nessa doação impulsionou o marido ao grande feito do 7 de setembro.

D. Pedro e sua comitiva estavam em São Paulo e ficara no Rio de Janeiro como Regente a "sereníssima esposa". Os acontecimentos se precipitavam. Dois emissários sairam do Rio ao encontro de D. Pedro para levar-lhe os despachos das Cortes de Lisboa. O Príncipe leu a carta de José Bonifácio, que lhe aconselhava a declaração imediata da Independência, e leu também a carta da esposa: "E' preciso que volte com a maior brevidade. Esteja persuadido de que não é só o amor, a amizade, que me faz desejar mais que nunca sua pronta presença, mas sim, as circuntâncias em que se acha o amado Brasil. Só a sua presença, muita energia e rigor podem salvá-lo da ruína".

Foi esse "anjo tutelar", usando a sua força na fragilidade do sorriso e nos anseios do devotado coração, que inspirou a D. Pedro a nossa Independência.

Bem se pode dizer que D. Leopoldina foi verdadeiramente a primeira mãe do povo brasileiro.

Conta-se que, após o grito do Ipiranga, D. Pedro ansiava por voltar ao Rio de Janeiro e levar "o presente régio" da independência. E, na tarde de 14 de setembro, chega intempestivamente ao palácio de São Cristovão, onde é alvo das maiores manifestações. A noite, os salões estavam cheios dos patriotas, num grande baile de comemoração. Comentavam o grande feito. De repente, entra na sala a princesa Leopoldina, trazendo ao peito, no lado do coração, um laço de fita verde. Emocionado, o marido chama a atenção dos convidados para lhes dizer que a princesa estava usando as cores que ele escolhera para a bandeira nacional. Todos queriam fitas verdes ou amarelas. D. Pedro pede que a princesa lhes traga mais fitas, muitas fitas, verdes ou amarelas.

D. Leopoldina sai em busca da preciosa encomenda. Daí a instantes volta com as mãos cheias de fitas, distribundo-as com os patriótas. Mais convidados chegam para o baile. A alegria é tanta e os patriotas são tantos, que os laços são poucos.

Não haverá mais fitas no Palácio? — pergunta D. Pedro. Dona Leopoldina sorri, afirmando que não havia, mas era preciso arranjá-las. Percorre o corredor e vai aos seus aposentos. Nervosa, agitada, procura em todas as gavetas. Não há uma só. De repente seus olhos encontram os travesseiros de cambraia no seu leito, enfeitados de fitas verdes. Arranca-as todos e, radiante de felicidade, volta ao salão e diz a D. Pedro, como se tivesse realizado um milagre: Arranjei as fitas. Tirei-as dos travesseiros de minha cama. E todos baixaram a cabeça, reverenciando o gesto delicado e nobre da princesa.

"Ninguém se lembrara, até então, de que alí já não estava a jovem Leopoldina, a Arquiduqueza da Áustria, e sim, Leopoldina, a soberana, a que ia colocar na cabeça a coroa do Brasil independente".

Durante nove anos amou a pátria brasileira como se fosse a sua Áustria distante, que mais longe se tornou quando seus olhos imensamente doces e ternamente azuis fecharam-se, por fim, na manhã de 11 de novembro de 1826.